

**Trabalho premiado na
IV Jornada de Iniciação
Científica da UNEB.*

*** Alunas de
Comunicação Social-UNEB,
bolsistas do PIBIC (CNPq)
no Projeto "Sertões" dirigido
pela professora Lícia Soares
de Souza*

PODE OS SERTÕES GERAR UM PARADIGMA DE RELAÇÕES PÚBLICAS PARA OS MOVIMENTOS SOCIAIS?*

Lidiane Santos, Heloiza Soares e Ive Alencar**

Muitos autores, a exemplo de Peruzzo (1999) e César (1999), evidenciaram que a teoria das relações públicas continua sendo influenciada por conceitos metodológicos positivistas e funcionalistas. Existe freqüentemente uma preocupação em se preservar um sistema vigente, segundo uma compreensão da sociedade como uma engrenagem facilmente controlada, através de ações para se obter a compreensão mútua.

As autoras pré-citadas discorrem sobre as formas como a sociedade é tratada de maneira administrável pela teoria das relações públicas comprometida com as formações capitalistas. Os conflitos sociais aparecem como pano de fundo, como se fossem simples conflitos dramáticos, cujos elementos fictícios podem ser arranjados em direção a um desenlace harmônico promovendo colaboração inquestionável entre públicos. As relações de conflito entre classes dominantes e dominadas nunca são problematizadas, o que deixa os profissionais sem bases contextuais para análises e forma uma opinião supérflua sobre questões fundamentais da história de uma sociedade.

Na busca de um paradigma dialógico que fundamente uma nova proposta de relações públicas, ancorada no contexto sócio-histórico, partimos para averiguar as primeiras campanhas de mobilização de públicos da História do Brasil no intuito de descobrir a natureza de nossos conflitos em suas contradições nacionais. Com efeito, a própria consideração do conflito como contradição já reconhece a marca lógica da dialética que autoriza transformações de elementos díspares.

Fatos cruciais da nossa história, como a Guerra do Paraguai, desencadearam mobilização de públicos e determinaram processos de formação de imagens das realidades políticas, econômicas e institucionais. Mas foi a Guerra de Canudos que propiciou a primeira sistematização da formação de uma opinião pública nacional, baseada exatamente nas definições de uma unidade nacional esboçadas na República de alicerces positivistas.

No centenário do massacre fratricida, em outubro de 1997, uma série de componentes fundamentais para a compreensão da formação do povo brasileiro, foram colocados na pauta da memória nacional. A problemática da seca, gerando a cultura das caatingas onde atravessa o sertanejo, tipo esquecido pela nação brasileira; a constituição do poder dos grandes proprietários de terra escravizando essas vítimas da seca; a conivência da Igreja católica com os latifundiários e o heroísmo dos militares sanguinários foram os temas mais pregnantes. O jornalista Euclides da Cunha, enquanto correspondente de guerra de *O Estado de São Paulo*, transcodificou as relações entre os fatos e o processo de comunicação desses fatos, produzindo a obra *Os Sertões*, considerada a *mea culpa* de um processo comunicacional brasileiro nascente.

Os sertões, cujo centenário será comemorado em 2002 abre caminhos, quase cem anos depois, para que os diversos tipos de brasileiro possam se conhecer, como o autor havia desejado. Nesse contexto, elaboramos o seguinte questionamento: a obra de Euclides que influenciou a arte, as ciências sociais, a mineralogia, a geologia, a geografia física, e a botânica, em todo século XX, e que continua fornecendo subsídios teóricos para a compreensão da formação do continente sulamericano e dos tipos humanos brasileiros e, em particular, para a compreensão dos processos de comunicação relacionados com as estratégias políticas da República, pode servir de base para a montagem de um paradigma crítico de relações públicas? Tal paradigma deveria então levar em conta:

- A comunicação comunitária em populações marginalizadas no regime republicano federalista. Percepção dos movimentos sociais em suas relações de causa e efeito. Formação de lideranças políticas, algumas vezes investidas de conotações messiânicas e sebastianistas;
- As relações dos movimentos sociais com as instituições políticas e militares. Formação de imagens heroicas ;
- A intervenção dos meios de comunicação na informação da população. Formação de uma opinião pública matriz.

Descrição da pesquisa. Uma função histórica: revisitando o determinismo e o evolucionismo de Os Sertões

Nos movimentos da luta pela terra, poderíamos começar um trabalho, examinando as formas de delinear uma função pesquisa (César, 1999, 110), caracterizada pelo reconhecimento do conflito e sua problematização. Já na etapa da comunicação, poderíamos investigar, do lado dos públicos internos, a divulgação das cartilhas que ensinam a saga do povo de Canudos, como um dos maiores exemplos de luta de uma população oprimida pela conquista de um território e de um estilo de vida que lhes fornecesse uma autonomia de vida.

Maltratada pela história oficial, Canudos e a figura controvertida de Antônio Conselheiro sobrevivem no imaginário de grande parte dos camponeses brasileiros como um dos símbolos da luta pela reforma agrária. Na leitura que o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST) faz da epopéia de Canudos, Antonio Conselheiro é o líder sertanejo que desafiou a Monarquia, a República e a elite rural dominante. (A Tarde, 11-1-97).

Reconhecemos inicialmente uma função histórica que marca a incidência de fatos passados sobre os movimentos sociais contemporâneos, que deve nos

conduzir a uma análise vertical do contexto. A primeira fase da nossa pesquisa reside portanto na averiguação da obra de Euclides da Cunha que transcodifica uma fase importante da história do Brasil em relação com a história da comunicação, para posteriormente tirarmos consequências sólidas para o estabelecimento de um paradigma dialético de intervenção nos movimentos comunitários.

Nesse momento, torna-se importante verificar que Euclides aderiu à sociologia evolucionista de H. Spencer para indagar as origens raciais das populações sertanejas, espécie de anacronismo nacional vivendo num atraso de três séculos. Na época, com a tradição sociológica evolucionista a idéia da comunicação, como princípio de regulação dos desequilíbrios de ordem social, começou a tomar corpo.

A sociologia organicista preconizava que estados de alienação podiam determinar a formação dos agrupamentos sociais e psicopatólogos, como Gustave Le Bon, autor da *Psicologia das multidões*, de 1895, sustentavam que a sociedade de massa produzia autômatos com perda de capacidade volitiva e controle cerebral. A constituição das massas, configuradas como multidão em delírio, nas cidades se tornava perigosa para a manutenção do poder e dos detentores da riqueza.

No Brasil, Nina Rodrigues estudava as composições genéticas e comportamentais dos afro-descendentes e defendia que a loucura era um produto estrutural não só das raças inferiores, mas também das classes inferiores. Instituído o comportamento conservador como paradigma da normalidade social, Nina Rodrigues estendeu o conceito de loucura aos coletivos sociais, contribuindo para a classificação das sociedades em normais e anormais.

Aceitando esses desafios teóricos, alguns pensadores do final do século XIX refletiram sobre a formação de uma identidade política, a partir da consolidação da Proclamação da República, à qual deveria se associar uma unidade étnico-antropológica como definidora da nova nacionalidade. Muitos acreditavam que do desvendamento do enigma racial nasceria uma definição da unidade política do país. Foi o que Euclides levantou, rompendo entretanto com idéias estabelecidas, o que faz de *Os Sertões* uma obra até hoje polêmica. Euclides comandou uma dinâmica dialética entre o contexto narrativo e o contexto extra-textual em seus vetores político e filosófico e, mesmo abraçando as teorias deterministas e evolucionistas da época, conseguiu incrementar a força dialógica entre forma artística e realidade representada, não permitindo que nenhuma idéia se sobrepusesse sobre a outra.

Estudiosos da comunicação já comentaram sobre a reviravolta euclidiana em *Os Sertões*, em relação às crenças publicadas em *Diário de uma expedição*. O autor de *Nossa Vendéia* passou, após ter estado em Canudos, a indagar suas concepções políticas anteriores e o seu republicanismo idealizado, a criticar os planos militares e o comportamento desordenado dos soldados nacionais. Expondo a deterioração da vida política, ele revelou o confronto dos pontos de vista distintos no momento histórico, e demonstrou como o personagem sertanejo, representado nos artigos de imprensa, não era o mesmo que brigava na caatinga, como o explica Berthold Zilly (1996):

Outro aspecto moderno (de Os Sertões) é a eficiente propaganda belicista contra o inimigo desconhecido no sertão, largamente orquestrada por uma imprensa que apregoava o ódio desenfreado, apoiada por jornalistas estrangeiros, inclusive alemães.

Segundo Mattelart (1994), a guerra e sua lógica são componentes essenciais da história da comunicação internacional com suas doutrinas e teorias. E se o desenvolvimento prodigioso das tecnologias dos transportes e das redes de informação continuam funcionando como suportes para as lógicas da guerra, é

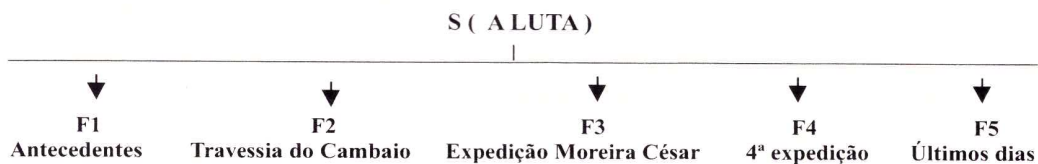
evidente que esta última serve também como motor para o incremento da engenharia dos meios de transporte e de comunicação.

Nesse sentido, nossa leitura de *Os Sertões* objetiva descobrir a materialização de um sistema de teses, do final do século XIX, mas se concentra na forma polifônica, aceitando a existência de vários registros sociais e políticos e não permitindo a afiação de um sistema rígido de dogmas. Nossa decodificação do livro euclidiano revela seu caráter inédito na constituição de uma história da comunicação e da formação de uma opinião pública nacional, dentro do modelo internacional, associada à guerra e ao progresso técnico. Trata-se, em suma, de uma leitura que serve para a compreensão da evolução do regime republicano e para o entendimento dos fatos políticos atuais em suas relações com os meios de comunicação.

Metodologia: Pontos-de-vista no delineamento de uma opinião nacional

Para captarmos a problemática da formação da opinião com a mídia impressa, decidimos abordar *Os Sertões* pela 3ª parte, *A luta*. Para discernir a seqüência das ações, vinculadas aos fatos que compõem a trama histórica da obra, e as características dos protagonistas principais, o sertanejo e os soldados, que tendem a esboçar os tipos nacionais, recorreremos ao modelo semiótico de Roland Barthes¹. A sintaxe funcional revela a articulação dos fatos narrados ao identificarmos uma Seqüência, uma série lógica de Funções, ligadas por relações de solidariedade. *A luta* é uma seqüência histórica que alimenta a seqüência narrativa, no esquema seguinte:

1 - Consultar Orlando Pires, *Manual de teoria e técnica literária*: 145.



O código das ações inicia em F1: A série de combates é desencadeada a partir do incidente desvalioso, quando Conselheiro, tendo adquirido em Juazeiro certa quantidade de madeiras, e não as recebendo, resolveu ir buscá-las à força. No desenrolar de uma ação, as funções dos personagens se repartem em protagonistas e antagonistas. Durante todo o código de ações de *Os Sertões*, vai pairar a questão da identificação do verdadeiro antagonista nesta história de guerra: os sertanejos ou o exército brasileiro?

É bem verdade que na pluralidade descritiva da obra, outros elementos narrativos configuram antagonistas de relevos diferenciados como o espaço. O espaço se divide em dimensional (físico/real) e não-dimensional (zonas de clausura, conflitos, corrupções, etc.) que podem, por outro lado, definir um meio, designado como Ambiente (natural e artificial).

No nível do código da narração, distinções sobre as posições do narrador são de grande importância para a análise do ângulo de visão através do qual as ações vão sendo conduzidas:

1) Ponto-de-vista onisciente (Po) com focalização neutral (Fn). O narrador, em 3ª pessoa, adota um enfoque impessoal e neutro tornando a narrativa uma sucessão lógica de ações; 2) Ponto-de-vista testemunhal (Pt) com focalização interventiva (Fi). O narrador, geralmente em 1ª pessoa, é um observador testemunha dos fatos, fazendo comentários.

Enquanto o primeiro ponto-de-vista lida com o tempo cronológico, da sucessão lógica das ações, o segundo entra em relação com o tempo psicológico, sem padrões de medida, também conhecido como o tempo da percepção, filtrado pelas vivências subjetivas do narrador ou dos personagens.

Em F1, Euclides trabalhou os dois tipos de focalização abrindo a lógica dos combates vinculada ao contexto político. O narrador discorre sobre males

antigos, convertidos em insurreições que o novo regime republicano não conseguia pacificar. Nesse ambiente de nomadismo e banditismo, foram sendo perfilados os tipos que integravam uma nacionalidade nascente e que chegaram ao primeiro plano do enfrentamento político.

O jagunço, saqueador de cidades, sucedeu ao garimpeiro, saqueador da terra. O mando político substituiu o capangueiro decaído (...). (Camba, Edições de Ouro, p. 198-199)

O ponto-de-vista do narrador explicita a existência de humanos negligenciados pelo governo central que deveriam ser objeto de preocupação da nova ordem republicana com uma certa urgência. Aparece assim o Nordeste decadente, em suas dramáticas fases de transição entre uma economia mercantil colonial e a economia de base capitalista, agora globalizada, como antagonista ambiental, que justifica a aparição de grande quantidade de beatos, peregrinos e nômades de todas as espécies, personagens descentrados que, não podendo ou não querendo participar do banditismo disciplinado, desarticulavam e continuam desarticulando o eixo do poder na região, como o autor concluiu:

A campanha de Canudos despontou da convergência espontânea de todas essas forças, desvairadas, perdidas nos sertões (Ibid. p. 202)

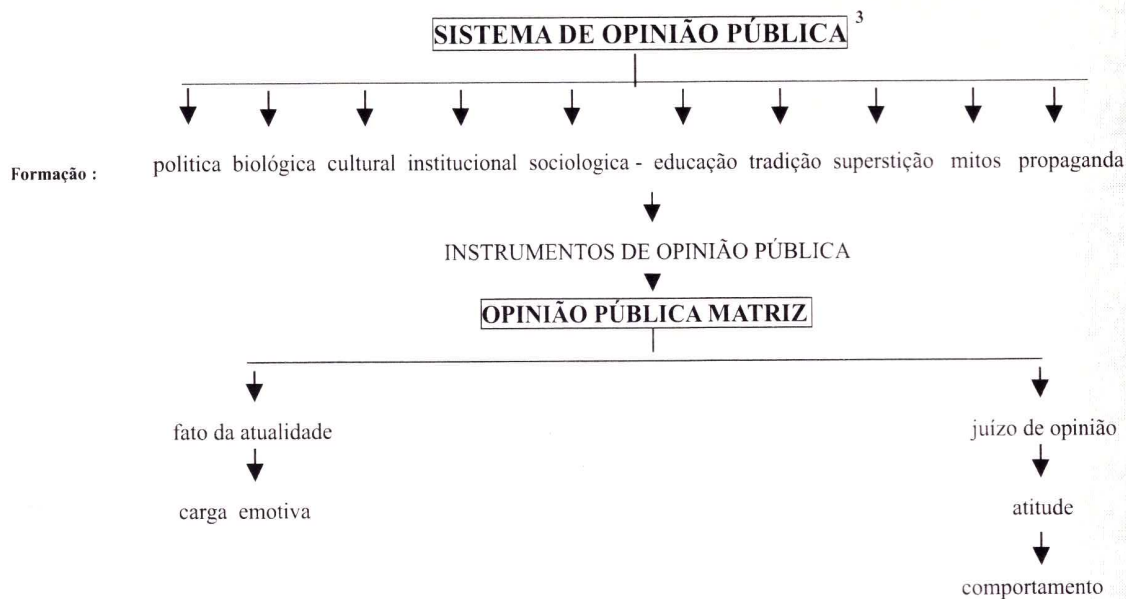
Acentuando a tensão entre uma função e outra, pusemos em relevo o código das ações, dirigido em Po-Fn, que testemunha o caminho lógico e cronológico da história no texto. A linearidade da realização temática diz respeito aos movimentos das tropas, estruturados em recuos, avanços, retiradas, debandadas, que o narrador pontuou, orientando as estratégias cognitivas de produção de uma trama de acontecimentos históricos. Mas é justamente nos momentos em que a interferência, como ação de encadeamento entre os fatos designados e sua interpretação, quando o escritor orienta um ponto de vista testemunhal, capaz de abrir zonas semânticas de definição das bases político-

institucionais, comanda a narrativa que elaboramos uma matriz para captar a explicação do funcionamento da estrutura comunicacional no contexto histórico nacional.

A tensão entre F2 e F3 leva às explicações sobre as razões pelas quais o coronel Moreira César foi designado para uma 3ª expedição. O exército nacional tinha sido derrotado, uma novidade para todo o país, informado sobre as fraquezas dos sertanejos, o que contribuía para aumentar essa fase crítica da nossa história, configurada numa rede de imagens: - A da incompreensão do sistema republicano em suas bases democráticas; - A do autoritarismo dos presidentes que governavam sem apoio popular e sem respaldo da opinião nacional. Floriano Peixoto, o Marechal de Ferro, destruiu e recriava revoltosos, e Prudente de Moraes encontrou assim o país dividido em vitoriosos e vencidos; - A dos embates políticos entre os grupos, vitoriosos e vencidos: republicanos e monarquistas, cafeeiros e oficiais do exército, vianistas e gonçalvistas na Bahia, etc.

Através dessa rede constituindo o problema coletivo nacional, Euclides criticava explicitamente a formação de uma opinião pelos caminhos de uma psicologia coletiva, aparentada a uma psicologia das multidões: a opinião nacional estava sujeita às paixões e interesses de grupos. Diante da complexidade do contexto, projetamos um esquema atual de opinião pública, elaborado por Vitaliano Rovigatti², na interpretação euclidiana. Para este autor, a instalação de uma OP Matriz se concretiza via seus instrumentos, os meios de comunicação, a partir de fatores determinantes que modelam a percepção dos sujeitos: educação, cultura, tradição, superstição, mitos, etc.

2-Citado por Tupã Gomes
Corrêa *Contacto imediato com
opinião pública*: 37



3-Adaptado do esquema de Vitaliano Rovigatti

A intervenção de um quadro referencial, relativo ao contexto dos sujeitos da opinião, é primordial na consolidação de uma opinião matriz que, neste caso, diz respeito a um problema nacional, e que prepara os juízos de opinião seguidos de atitude e comportamento. No caso da República, Euclides buscou a base determinista-evolucionista para incorporar a predisposição biológica no quadro referencial do povo, propenso ao mimismo⁴ psíquico e completamente inadaptado ao novo regime democrático.

Nessa situação política, a formação da opinião matriz se relacionou ao fetichismo político com *manipansos de farda*: um exército ilógico, desde a Abolição, reprimia os levantes e alimentava uma caricatura de heroísmo, o corta-cabeças Moreira César. A estrutura da opinião nacional se ancorava ainda na divisão entre vencedores/vencidos, que foi recebendo os mais díspares conceitos, investidos de nossa sensibilidade suspeita. Conceitualmente despolitizada, nossa sentimentalidade gerava uma consciência histórica nacional, literalmente alienada que aclamava heróis de chacinas, igualmente delirantes.

4-A nota do editor diz que se trata de mimetismo, possível erro que passou despercebido nas revisões de todas as edições. Cunha, *Edições de Ouro*, p. 259.

Ibid. 1

5-C
Corr

Depreciar a estrutura psíquica do coletivo nacional, nessas circunstâncias, permitiu a identificação de um foco narrativo que criticava a estrutura política que consentia nesta patologia nacional, e o exército brasileiro que reforçava o estado de alienação por sua existência resumida a massacrar rebeliões. A crítica é ainda mais contundente quando lembramos que a percepção histórica positivista, que regia o regime republicano, visualizava o progresso como consequência da ordem e a organização militar, pela via da promoção, era pressentida como símbolo máximo de ordem e disciplina. Para a decepção do Euclides republicano, a ordem política era a presentificação das loucuras nacionais em uma afronta aos valores mais caros da civilização, de tal sorte que ele estabelece uma correspondência entre a loucura de Moreira César e a da nação inteira, reduzida à figura de multidão tacanha :

Ibid. p. 43.

Se um grande homem pode impor-se a um grande povo pela influência deslumbradora do gênio, os degenerados perigosos fascinam com igual vigor as multidões tacanhas. (Ibid., p. 265)

Observamos que a derrota do Coronel Moreira César conferiu importância decisiva a um processo global de comunicação envolvendo vários interlocutores. A problemática política implicando as relações governo/nação, via os instrumentos de OP, os MCM, ocuparam o primeiro plano e, segundo Euclides, identificaram nosso modo de pensar nossas realidades e de pensar nossas linguagens. Por isso, consideramos que, em F4, o narrador pôs em crise os códigos, ironizando linguagens e ideologias, pela tática da revocalização que é justamente dizer por quem e como as realidades foram construídas, e afixou uma denúncia da organização política da sociedade brasileira.

Se a natureza da opinião pública está relacionada com um ingrediente cultural-racional, responsável pelo estabelecimento de controvérsia e a sua função se refere a um ingrediente ambiental-social, responsável pelo seu último produto, o próprio acordo⁵, continuamos a examinar o decorrer dos acontecimentos com as intervenções críticas do autor:

5-Como o estabelece
Corrêa, op. cit. p. 44

A quarta expedição organizou-se através de grande comoção nacional, que se traduziu em atos contrapostos à própria gravidade dos fatos (Ibid., p. 313)

Euclides vinha registrando, desde o início da campanha de Canudos, a natureza das desordens relativas às populações interioranas perdidas, concernentes ao embaralhamento de pensamento das multidões urbanas e vinculadas à impossibilidade de compreensão entre o regime democrático e as bases nacionais, anomalias que, de todas as evidências, pareciam caracterizar uma associação de alienados. Mas aqui ele enfatizou contundentemente o estabelecimento da opinião nacional a partir de componentes mais emocionais do que cognitivos e configurou o que Rovigatti⁶ esboçou como expropriação da opinião que gera crise e falta de credibilidade nas instituições políticas.

6-Ibid p.37-38.

Uma idéia, que seria contraposta à própria gravidade dos fatos, inicialmente baseada em vagos comentários, em seguida, condensada em inabalável certeza instalou a opinião pública matriz, suscetível de levar à ação: os tabaréus turbulentos estavam recebendo ajuda dos agitadores, empenhados na restauração monárquica, dispersos pelas capitais federal e estaduais.

A República estava em perigo. Era preciso salvar a República.. (Ibid., p. 314)

Do ponto de vista da comunicação e da construção de realidades, determinamos aqui o clímax temático da obra. O autor atacou a asserção básica da opinião matriz que conduziu ao massacre. Ele mesmo que havia caracterizado os sertanejos como os *chouans de nossa Vendéia* se redimiu:

Atribuir a uma conjuração política qualquer a crise sertaneja, exprimia palmar insciência das condições naturais da nossa raça. (Ibid., p. 317)

Insciência, como sinônimo de ignorância, delineou a formação da opinião matriz, por um coletivo social, que exposto à ação dos meios de comunicação,

partia para o amalgamento bastante generalizado de fatores complexos da crise sertaneja. E assim, na sua explicação de testemunha dos fatos, e na consulta de seus preceitos organicistas, o autor expôs o que determinava nossa raça: de um lado, raça e nacionalidade, sincretizadas em uma multidão tacanha, ignorante, alienada e passional, do outro lado, os rudes patrícios retardatários, em trezentos anos de abandono nos sertões, à margem da civilização. Se os primeiros associaram illogicamente interesses privados e públicos, transformando-os em opinião matriz que funcionava como uma narrativa de heróis patriotas exigindo desenlace, os segundos estavam agindo dentro da mais perfeita lógica.

Insulado no espaço e no tempo, o jagunço, um anacronismo étnico, só podia fazer o que fez - bater, bater terrivelmente a nacionalidade que, depois de o enjeitar, cerca de três séculos, procurava levá-lo para os deslumbramentos da nossa idade dentro de um quadrado de baionetas, mostrando-lhe o brilho da civilização através do clarão de descargas (Ibid., p. 317)

Os sertanejos apareceram como simples defensores de um lar construído miseravelmente, mas que ostentava as conotações do sagrado, perdido no deserto e fora de nossos mapas. Este lar tão fora da zona cognitiva da outra nacionalidade, atinge este significado metafórico das primeiras fases de nossa história e de nossas origens, com todas suas falhas, como também o sentido das desigualdades regionais e sociais da história moderna: palafitas junto a uma cidade industrial da Suíça.

A crítica à falta de raciocínio lógico do lado civilizado, comparado à Suíça industrial, se acentuou quando o autor ponderou: a descoberta das diferenças regionais não deveria ter levado ao massacre, e sim a interações construtivas que fariam com que os urbanos apreciassem a força do sertanejo que domina e cultua seus espaços, e que este último viesse a se beneficiar de uma partilha equitativa do progresso.

Sob tal aspecto era, antes de tudo, um ensinamento e poderia ter despertado uma grande curiosidade (...) Entre nós, de um modo geral, despertou rancores. Não vimos o traço superior do acontecimento. Aquele afloramento originalíssimo do passado, patenteando todas as falhas da nossa evolução, era um belo ensejo para estudarmos-las, corrigirmo-las ou anularmolas. Não entendemos a lição eloqüente. Na primeira cidade da República, os patriotas satisfizeram-se com o auto de fé de alguns jornais adversos, e o governo começou a agir. Agir era isto - agremiar batalhões. (Ibid., p. 317)

Nos interstícios dos eventos dramatizados, a narração se curva sobre si mesma, questionando sobre a construção de uma realidade textual em diálogo com os fatos e essencialmente sobre o fato de uma comunicação midiática ter sido capaz de compor um personagem jagunço sertanejo, erroneamente imbuído de objetivos políticos, contra o qual se erigiu uma opinião nacional.

Primeiros resultados e conclusões : Para uma comunicação dos choques

No primeiro ano da nossa pesquisa, confrontamo-nos imediatamente com a tarefa de reconhecer o principal antagonista da narrativa de guerra : estabelecemos que não foi nem o sertanejo conselheirista, nem o exército brasileiro, e sim o processo de comunicação que Euclides tão bem descreveu em uma subfunção de F4: Rua do Ouvidor vs Caatingas. Em narrativas orais, é costume se dizer que a verdadeira guerra se deu na rua do Ouvidor onde imagens e relatos de um nacionalismo nascente foram construídos. Nessas circunstâncias, obtivemos alguns resultados em dois grupos assim caracterizados:

i) Resultados metodológicos de análise.

O estudo semiológico do encadeamento das ações, com a distinção entre o espaço dimensional e o não-dimensional, cada um acionado por um tipo de ponto de vista e de focalização narrativa, conduz à compreensão do conteúdo global de um texto. É um método útil igualmente para o exame de textos denotativos, não catalogados como literários, como os jornalísticos e os relatórios, por exemplo, em que alguma espécie de

Ibid.

opinião é emitida. Daí em diante, o esquema pode ser usado como um poderoso recurso de processamento para a atribuição de zonas de opinião relacionadas a um feixe de fatores estruturantes de uma Opinião Pública Matriz, que vai sendo revelada pelo jogo dos focos narrativos. O modelo envolve de maneira crucial zonas de conhecimento (crenças, mitos, superstição, cultura, educação, política, etc.) avaliados como fatores determinantes das zonas de opinião que se condensam na OPM, de sorte a permitir uma análise mais profunda do contexto extratextual onde as opiniões são articuladas.

Ibid. P. 43

Note-se, dessa forma, o espírito histórico da abordagem do tratamento da opinião pública, submetida a diferentes pontos de vista, para a culminância da controvérsia e do acordo. Note-se sobretudo como Euclides da Cunha discutiu conceitos variáveis de opinião (coletiva, nacional, comum, pública) e de públicos vinculados aos grupos de pressão da época, os chamados grupos de interesse, o que constitui, como já frisamos, a primeira sistematização de tais conceitos no Brasil. Corrêa⁷ afirma que o estágio atual das discussões acerca de público e opinião estão bem mais relacionados com o campo específico das Relações Públicas do que com qualquer outro. Por questões de compreensão macroestrutural, é de extrema importância o exame do ciclo canadiano por todos os estudiosos do campo das Relações Públicas.

ii) Resultados metodológicos na construção do paradigma de RRPP.

Quando Euclides alertou para o fato de que o sertanejo fôra vítima da argumentação dos grupos de interesse, já que não possuía nenhuma intenção de restaurar o regime monárquico, e para o outro fato de que o Brasil desenvolvido deveria ter decidido compreender suas várias realidades para poder entender sua própria história, nada mais fez do que orientar uma função pesquisa atrelada a uma função histórica, necessárias ao entendimento das crises e dos conflitos. É sabido que tais crises estão ligadas ao poder latifundiário, revigorado pelas políticas neo-liberais. Desde então, os movimentos sociais e os movimentos

comunitários têm evoluído na contra-mão da história, quase sempre caracterizados pelos meios de comunicação como movimentos de caráter político para instauração da baderna.

Do momento em que os conflitos sociais deixarem de serem vistos como anomalias ou como resultados de estados de alienação, poderemos dar o primeiro passo para a instauração do paradigma crítico de relações públicas, pois, ainda de acordo com César, não buscamos mais oposições entre massa e público, e sim entre despossuídos e detentores de poder e riqueza.

Com a imagem das palafitas junto à Suíça industrializada, Euclides chamou a atenção para a existência de comunidades carentes num país de desigualdades. Mostrou igualmente que tais desigualdades não podem ser eliminadas pelos massacres. *Os sertões* referencializa a epopéia da modernização brasileira, baseada na exclusão, mas aponta para a necessidade de o país retomar a gênese inacabada, descrita na parte *A Terra*, e de reerguer as rochas vivas da nossa nacionalidade, os sertanejos, os gaúchos e vaqueiros, que têm cuidado do âmago da terra brasileira.

A partir de *Os sertões*, toda a arte brasileira elegeu a terra como paradigma de representação nacional. A Semana de Arte Moderna buscou as raízes de um Brasil profundo e o pós-modernismo não deixou de explorar as relações entre homem e terra, inclusive no teatro, cinema e televisão. No campo das relações públicas pós-modernas, havemos ainda que buscar, no segundo ano de nossa pesquisa, a articulação de funções básicas (assessoria, pesquisa, planejamento, comunicação e avaliação) para comunidades ligadas à problemática de fixação na terra.

Souza (1997) mostrou como *O rei do gado* entrou em relação intertextual com romances do ciclo canadense, incluindo *La guerra del fin del mundo*, aproximando os conselheiristas dos militantes do MST. O caráter messiânico do líder Regino foi contestado pelo movimento que já age por comissões (educação,

alimentos, informação, etc.). Ainda existe muita polêmica em torno das concepções sebastianistas de Antônio Conselheiro, que muitos dizem ser uma invenção de Euclides e que o líder representou acima de tudo um orientador comunitário. Era um construtor de igrejas e cemitérios e, por ter arrebatado muitos fiéis da Igreja católica, foi designado como o fanático, anômalo e alienado. De todas as maneiras, a natureza das lideranças comunitárias ligadas aos movimentos pela posse da terra merece uma descrição especial, principalmente em relação às construções mediatizadas. Se Canudos revelou a crise de governabilidade da Primeira República, o MST é um fenômeno político em choque com a colonização globalista da vida nacional contemporânea, como o afirmou Silveira (1998).

Para concluir, devemos afirmar que nossa pesquisa seguirá um referencial autenticamente dialético. Para responder parcialmente às duas primeiras perguntas que formulamos na descrição da pesquisa, preconizamos que *Os sertões* descortina ações trágicas e épicas, atualizando simbolicamente as lutas de um povo no regime republicano e servindo de exemplo para aquelas que estão sendo atualizadas na contemporaneidade. De todas as evidências, a obra serve de parâmetro para o entendimento dos diversos relacionamentos socio-políticos da sociedade, em seus diversos choques.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS :

- AVIGHI, Carlos M., *O sertão brasileiro e o cenário mundial no jornalismo de Euclides da Cunha*, Em: **Revista brasileira de comunicação**, vol. XVI, n. 2, jul/dez., 1993, pp. 144-155.
- BASTOS, José Augusto C.B., *Incompreensível e bárbaro inimigo. A guerra simbólica contra Canudos*. Salvador, EDUFBA, 1995.
- CÉSAR, Regina Célia E., *As relações públicas frente ao desenvolvimento comunitário*. Em: **Comunicação & Sociedade**, n. 32, 2º semestre de 1999, p. 89-112.
- CORRÊA, Tupã Gomes., *Contato imediato com Opinião pública. Os bastidores da ação política*. São Paulo, Global, 1988.
- CUNHA, Euclides da, *Os Sertões*, Edições de Ouro.S/d
- MATTELART, Armand, *Comunicação-Mundo. História das idéias e das estratégias*. Petrópolis, Vozes, 1994.
- PERUZZO, Círcia M. Krohling, *Relações públicas com a comunidade: uma agenda para o século XXI*. Em: **Comunicação & Sociedade**, n. 32, 2º semestre de 1999, p. 45-68.
- PIRES, Orlando, *Manual de teoria e técnica literária*, Rio de Janeiro, Presença, 1981.
- SILVEIRA, J.P. Bandeira, *Republicanismo num globalismo: formas da contemporaneidade*. **Comunicação & Política**, vol. V, n. 2, p. 7-41, maio-agosto 1998.
- SOUZA, Licia S. de, *Canudos e "O rei do gado": ecos de intertextualidade*, **Revista Canudos**, v. 2, n. 2, outubro de 1997, p. 14-32.
- SOUZA, Licia S. de, *Des récits régionalistes à la télévision: la voix de la terre au Québec et au Brésil*. **Canadart**, vol. 7, jan/dez 1999, p. 111-154.
- ZILLY, Berthold. Um depoimento brasileiro para a História Universal. Tradujibilidade e atualidade de Euclides da Cunha. Humboldt. Ano 38, nº72, 1996, p. 8-16.
- Periódicos:**
- O exemplo de Antônio Conselheiro*, **A Tarde**, 11-1-97
- Novaes, Claudio, *A epopéia dos molambos*, **A Tarde Cultural**, 24 de maio de 1997.